

Expectativas da banca de avaliação para a prova de Redação do Vestibular ITA 2023

Prof. Cassiano Terra

1. Introdução

Este documento tem como objetivo apresentar as expectativas da proposta de Redação do Vestibular ITA 2023 e fornecer elementos para um melhor entendimento da avaliação, principalmente no tocante à abordagem do tema e ao uso de elementos pertinentes para o desenvolvimento do projeto de texto. Acerca dos princípios gerais que embasam a proposta e sua avaliação, remetemos ao documento já publicado “A prova de redação do ITA: proposta, expectativas da banca e critérios de avaliação” (disponível em: https://www.vestibular.ita.br/orientacoes_redacao.pdf).

2. Expectativas gerais da banca

Como se sabe, a prova de redação do Vestibular ITA 2023 foi composta por uma proposta de texto dissertativo-argumentativo acerca de uma temática atual: a interação entre humanos e máquinas. Nesse sentido, a proposta de redação do ITA, mais uma vez, apresentou-se como um convite à reflexão sobre questões prementes do nosso tempo. Com efeito, o desenvolvimento das máquinas de Inteligência Artificial, em 2023, confirmou a atualidade do tema e pôs, no centro das discussões, a preocupação com as consequências desse desenvolvimento para o ser humano. Realmente, todos os itens da proposta levavam, por diversas vias, a esse tipo de questionamento. Vamos, então, à prova propriamente dita.

A proposta era composta de um fato instigador e um comando que previa a relação com, no mínimo, um dentre os cinco (5) itens da coletânea e dois conceitos, tecnofilia e risco. Se a proposta não explicitava tarefas textuais mais específicas aos/as candidatos/as, ela também não deixava de exigir certas tarefas de leitura: primeiro, era preciso reconhecer, em um acontecimento amplamente divulgado, o que é fato e o que é mera opinião; segundo, para selecionar ao menos um dos itens da coletânea, o esperado era que os candidatos lessem todo o material e compreendessem pelo menos um dos itens. Nesse sentido, conforme já exposto no referido documento, qualidade de leitura e qualidade de escrita são inseparáveis, uma vez que o projeto enunciativo é capaz de revelar as

inferências feitas no ato de interpretar a proposta. Por isso, a expectativa era a de que o(s) item(ns) escolhido(s) fosse(m) referenciado(s) na dissertação, mas não copiado(s).

É claro, isso também supõe um bom repertório, não necessariamente vasto. Como não é cabível exigir grande erudição em um exame dessa natureza, os/as candidatos/as já poderiam encontrar, tanto na proposta como na coletânea, diversos elementos para compor o seu projeto textual. Mesmo os itens da coletânea já eram de diferentes gêneros, a saber: uma imagem de um desenho artístico e quatro outros exemplos de natureza textual diversa (duas letras de música, de natureza poética; um texto teórico; um trecho de uma conversa transcrita, entre dois especialistas, que também pode ser aproximado de um texto teórico). Se for possível, então, exemplificar com um critério o que se esperava, tal critério seria o da coerência: quais elementos cada candidato seleciona para o seu texto a fim de construir a sua argumentação, e como o faz. Era permitido e até mesmo esperado que outros itens, além dos apresentados na coletânea, fossem incorporados nos textos, mas isso deveria necessariamente ser coerente com a proposta e os comandos da prova. O uso de argumentos de autoridade, por exemplo, por mais comum que seja, não deve ser entendido como uma obrigatoriedade, pois pode levar a um texto que abusa dos elementos externos, os quais ficam articulados artificialmente por meio de operadores linguísticos que não se concretizam em uma lógica argumentativa de fato, e, por conseguinte, não se resolve em si mesmo.

Quanto a esse ponto, cabe ressaltar que o simples cumprimento das tarefas requeridas na proposta não constitui garantia de uma abordagem integral, pertinente e crítica do tema. Seguindo o padrão das demais provas do Vestibular do ITA, a proposta de redação do ano de 2023 projeta um/a candidato/a que demonstre não apenas ter memorizado e ser capaz de reproduzir certo vocabulário, mas que seja capaz de organizar as suas ideias, estabelecer relações, interpretar dados e fatos, assim como as opiniões e perspectivas relacionadas; por fim, que seja capaz de elaborar hipóteses explicativas para o que exige ser explicado. Em outras palavras, a diretriz de avaliação adotada pelo ITA privilegia as produções textuais que não se atenham a modelos preconcebidos, mas que desenvolvam realmente uma argumentação autônoma. Qualifica-se como autônomo, portanto, o texto que consegue se desprender de fórmulas. Assim, as expectativas avaliativas não se reduzem à verificação de uma escrita protocolar, tampouco a correções gramaticais e ortográficas relativas a um uso liminarmente adequado da norma padrão da língua portuguesa falada no Brasil, ou ao emprego de uma lista fixa de operadores e relatores textuais que aparentam garantir a estruturação de um texto argumentativo, mas,

isolados do conteúdo, realmente não o fazem. Isso não significa, por óbvio, ignorar completamente a normatividade; antes, deve-se incluí-la em um horizonte mais amplo de expectativas, relativo ao uso consciente da linguagem. De fato, quanto à propriedade argumentativa do texto, a avaliação do ITA atenta às escolhas lexicais utilizadas, de modo que sejam condizentes e conscientes com o registro formal da língua escrita. Em relação ao uso dos advérbios e conjunções, em específico, avaliam-se a consciência e a propriedade de cada termo no contexto de sua enunciação, pressupondo o gênero textual praticado. A fluidez do texto decorre, assim, dos referidos elementos. De modo contrário, a tentativa de enquadrar a proposta em fórmulas prontas resulta, via de regra, em textos enrijecidos e argumentações frágeis.

Dito isso, pressupõe-se que cada candidato/a deve demonstrar a capacidade de ler criticamente os itens da coletânea em favor de seu projeto de texto. De fato, respostas ou soluções definitivas não são essenciais a uma boa argumentação, mesmo porque, como se sabe, para questões complexas não há respostas simples e cabais.

Entendamos. Se é claro que um bom texto pode apresentar boas respostas a questões difíceis, isso, porém, precisa se dar na construção de um raciocínio que integre o leitor, e não que o trate com desdém ou o ignore completamente. Por isso, uma boa redação apresenta aspectos, discute e problematiza as perspectivas com as quais se depara, pois, assim, mais do que oferecer respostas, o que faz é oferecer à atenção do leitor elementos que o permitam elaborar a sua própria leitura e chegar a uma conclusão.

3. Comentários sobre a prova

Dados esses esclarecimentos, vale ressaltar alguns elementos importantes quanto ao teor da proposta de redação como um todo, incluindo a sua coletânea de textos. Evidentemente, as leituras, indicadas a seguir, são meras possibilidades dos caminhos diversos que cada candidato/a poderia seguir. Longe de definir expectativas determinadas por interpretações específicas, o que segue deve ser entendido, lembremos, como exemplificação. Nesse sentido, mesmo o levantamento de possibilidades interpretativas poderia ser uma escolha. A autonomia argumentativa, conforme os termos delimitados, segue como diretriz de avaliação da banca de correção do ITA, contando para tanto a capacidade de leitura, interpretação e escrita.

Primeiro, o relato inicial apresenta uma situação em que as declarações e a opinião de um engenheiro são contrapostas pela empresa onde ele trabalhou. Nesse sentido, há um fato – a demissão do engenheiro – para o qual não é oferecida nenhuma interpretação

adicional. Em seguida, a tarefa exigia que os temas da tecnofilia e do risco fossem considerados, o que supõe precisão conceitual.

Acerca deste último ponto, vale lembrar algumas distinções. O termo “tecnofilia”, em primeiro lugar, remete à ideia de uma aceitação acrítica, ou ao menos pouco crítica ingênua, da tecnologia. Depois, há uma diferença qualitativa entre incerteza e risco: uma situação de risco ocorre quando há conhecimento das probabilidades reais – isto é, numéricas, matematicamente determináveis – para uma tomada de decisão. Tal sentido é técnico e remete à ideia de que o risco, embora não passível de eliminação total, seja em alguma medida mensurável e, por extensão, controlável. A incerteza, por outro lado, diz respeito a situações em que falta conhecimento, portanto, muito menos controláveis, ou mesmo imprevisíveis. Em casos em que os próprios riscos são desconhecidos, o grau de subjetividade envolvido nas tomadas de decisão é muito maior. Diante disso, fica difícil distinguir, se ficarmos no plano do senso comum, o que é risco e o que é, na verdade, incerteza. Eis um exemplo: quando se fala em sociedades altamente industrializadas como sociedades de risco, o que não raro se quer dizer é que são sociedades de alta incerteza, pois é impossível calcular ou mapear as consequências possíveis de todas as novas tecnologias adotadas, embora seja possível calcular riscos específicos em situações específicas. Assim, não é porque há tecnologia que há, necessariamente, controle; ao contrário, esta pode levar ao descontrole e à imprevisibilidade, contrariamente ao que pensa a tecnofilia do senso comum. Por isso, é importante ter uma postura crítica relativamente à tecnologia, com o devido cuidado de não incorrer em tecnofobia, termo comumente usado como antagônico à tecnofilia. Em outras palavras, o discernimento crítico é – e não pode deixar de ser – humano, visto que é preciso saber o que falha ou falta, onde, porque precisamente acontece um erro, a necessidade de se evitarem falhas possíveis ou corrigir algum pormenor, o que garante (ou não) as decisões, o que circunscreve a imprevisibilidade etc. Se nem todas as boas redações chegaram a tal aprofundamento conceitual, muitas tematizaram cenários possíveis de incerteza e insegurança, consequências de riscos conhecidos, falta de conhecimento e outros elementos pertinentes, o que permite afirmar que as expectativas da banca foram atingidas em algum nível.

Cada item da coletânea também permite várias interpretações. Vejamos.

O primeiro item apresentava a imagem de um desenho em técnica mista, do artista Susano Correia, intitulado “Mais uma vitória do coração, sem razão”. A imagem, complexa, com muitos elementos, é altamente sugestiva, ainda mais se considerarmos

que o título evidencia a vitória do irracional sobre o racional. As expressões das faces no desenho não permitem juízos de valor inequívocos sobre tal vitória, mas talvez indiquem indiferença, ou mesmo insatisfação, a respeito do prazer ou de qualquer forma de júbilo. Como é impossível listar todas as relações possíveis com os demais textos da prova, bastam esses elementos para sugerir outros desenvolvimentos.

O item 2 da coletânea trazia a letra da canção “Cérebro eletrônico”, de Gilberto Gil. Um dos aspectos notáveis da letra, dentre os muitos que sustentam a sua qualidade poética, é a simulação, na escrita, da fala humana por meio das interjeições “hum, hum”, em sequência ao que o eu poético afirma que só ele, humano que é, pode fazer: falar, pensar que Deus existe... resmungar? – “Hum, hum”. Poderia um computador significar alguma coisa com interjeições e resmungos, como fazem os humanos? Eis um questionamento plausível, visto que o mais difícil talvez seja definir o que é exatamente a consciência, como o fez o engenheiro demitido do primeiro texto. Hoje, quando máquinas de Inteligência Artificial são usadas para escrever poesia, traduzir e produzir textos altamente complexos, quando cada vez mais comumente conversamos com máquinas, é possível afirmar que essa elaboração linguística não é algo que apenas nós, humanos, somos capazes de realizar. Além disso, da perspectiva do século XXI, a letra da canção de 1969 parece antever uma das características da tecnofilia: a falta de criticidade perante as inovações tecnológicas, inclusive a subestimação de sua evolução enquanto IA.

Os itens 3 e 4, por sua vez, sugerem ainda outras relações. O item 3, um trecho de outra letra de canção, dessa vez de Caetano Veloso, cita algo que é “mais que humano” e que floresce, ou é capaz de florescer, “em nós” – em nós, quem? Nós, humanos, ou nós, humanos e máquinas? Como poderíamos interpretar a consciência coletiva sugerida pelos versos “Nos sabermos sós, sem estarmos sós”, mas “juntos”? Que incerteza quanto a nós mesmos esse tipo de poesia alimenta? Quais são os riscos de irmos além do humano?

Nesse sentido, o item 4 leva o mesmo tipo de questionamento a um patamar ainda mais radical: sem mencionar a consciência, citando apenas a mente e o corpo, a autora sugere que, face à interação inevitável entre humanos e máquinas, não sabemos mais responder o que somos e o que pensávamos que éramos já não é mais. Seria isso um alerta ou uma constatação? Essa disjunção – ou ..., ou ... – é obrigatória?

Por fim, o item 5 pode ser diretamente relacionado à demissão do engenheiro. O problema do desemprego causado pelo avanço da tecnologia aparece nitidamente. Se, em outros tempos, a tecnologia causou desemprego em massa, isso ficou restrito a certos

trabalhos e atingiu majoritariamente classes sociais economicamente menos favorecidas. A novidade dos tempos atuais, conforme um dos interlocutores, está no “contingenciamento da inteligência”, o que traz consequências incontornáveis para empregos considerados de alta qualificação, que, até agora, pareciam estar fora de risco. Casos como o dessa demissão parecem problemáticos a uma perspectiva de tecnofilia, mas também é preciso cautela para não incorrer em tecnofobia e recusar toda e qualquer inovação ou avanço tecnológico como sinal de descaracterização do humano, perda de “essência” ou coisa que o valha.

4. Comentários sobre as melhores redações

Dado o que foi exposto, publicamos, agora, as melhores redações do Vestibular 2023. Essa iniciativa tem como objetivo publicizar os bons exemplos, isto é, aquelas redações que evidenciam não apenas uma boa escrita, como também uma boa leitura e um bom aproveitamento dos itens da coletânea, sem se limitar a meramente reproduzir ideias feitas.

As redações ora publicadas apresentam características linguísticas formalmente adequadas, mas, sobretudo, um bom entrelaçamento dos temas e dos argumentos. Além disso, é também plenamente satisfatório ler como as redações dialogam entre si, com argumentos e preocupações em comum. De fato, todas essas redações não se restringiram a uma perspectiva individualista, mas levantaram questões importantes à coletividade.

A problematização dos riscos implicados na adoção impensada de objetos e mercadorias tecnológicas, levantada na redação de Carolina Souza Cordeiro, pode ser considerada a preocupação fundamental, abordada em todos os textos aqui apresentados da perspectiva de suas implicações para as relações humanas. Diante dessa preocupação, cabe lembrar, como o fez Daniel Yuki Higa, que o anseio de saber é constitutivo da natureza humana e que isso nos impele a aceitar os riscos dessa condição, para o bem e para o mal, ainda que tenhamos consciência de que não podemos ignorá-los. E também não é possível esquecer que os usos sociais da tecnologia têm implicações profundas tanto para as relações profissionais como para as afetivas, o que pode não ser óbvio, como destacado no texto escrito por Heloisa Helena Rossato Dias. Esse ponto também ressalta na redação de Thiago Murrer Dutra, que aponta para o risco de se naturalizar ingenuamente o culto à tecnologia, o que indica a imprevisibilidade das consequências mesmo onde há conhecimento técnico. Sem descartar os fatores especificamente sociais envolvidos, um contraponto a essa ideia pode ser encontrado no texto de Thiago Frota

Maranhão, no qual se constata a nossa liberdade de continuamente recriarmos a nós mesmos pela tecnologia, o que implica responsabilidade quanto à direção escolhida nessa recriação.

Assim, pelos exemplos aqui expostos, o ITA julga que suas expectativas relativas à proposta foram plenamente satisfeitas. As redações ora publicadas certamente evidenciam, por parte dos estudantes do ITA, a consciência crítica quanto aos problemas de nossa época e sociedade. Sinal disso é a ótima capacidade de síntese e elaboração autônoma de suas próprias preocupações, bem como, vale explicitar, a qualidade da leitura de mundo desses estudantes, a qual transparece na qualidade da sua escrita.